

O negro no futebol brasileiro: entre a História e a Literatura

Leda Maria da Costa¹

UNIABEU

RESUMO: O objetivo deste artigo é focalizar a figura do jornalista Mário Filho, cuja contribuição foi muito importante para a imprensa desportiva, pois ajudou a reformular a linguagem utilizada na representação de eventos esportivos, principalmente, o futebol. Seus textos tinham um estilo próprio, oriundo dos jornais populares, como “Crítica” e “A manhã”, ambos de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues. Nesses jornais, Mário Filho foi o responsável pela página de esportes e, mesmo no pouco espaço que ocupou, seus textos já mostravam sinais de futuras estratégias empregadas em suas crônicas e relatórios; estratégias que também são usadas em seus livros, incluindo *O negro brasileiro no futebol*, sua tentativa mais ambiciosa de resgatar a história do futebol brasileiro

Palavra-chave: Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, História, Literatura

Blacks in Brazilian football: between History and Literature

ABSTRACT: The aim of this article is to focus on the figure of the journalist Mário Filho, whose contribution was very important to sports press. The journalist helped to recast the language used in the representation of sports events, especially soccer. His texts had a very particular style, originated from popular periodicals as *Crítica* and *A Manhã*, both owned by his father, Mário Rodrigues. In those papers, Mário Filho was responsible for the sports pages and, even in the little space occupied, his texts had already showed the signs of future strategies employed in his chronicles and reports; strategies that are also used in his books, including *Blacks in Brazilian football*, his most ambitious attempt to rescue the history of Brazilian soccer.

Keywords: Mário Filho; *Blacks in Brazilian football*; History; Literature

¹ Possui Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008), onde defendeu a tese "A trajetória da queda. As narrativas da derrota e os principais vilões da seleção em Copas do Mundo". É pesquisadora vinculada ao NEPESS ((Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Esporte - UFF) e editora da Revista Esporte e Sociedade (www.esportesociedade.com). É integrante do grupo de pesquisas Sport. Laboratório de História do esporte e do lazer, do Programa de História Comparada do IFCS. É Bolsista do programa Proape (Programa de Apoio a Pesquisa e à extensão (PROAPE), financiado pela Uniabeu (Centro Universitário), onde leciona e desenvolve o projeto sobre o papel de Mário Filho na reformulação do discurso da imprensa esportiva, nas décadas de 1920 e 1930. Suas principais publicações são relacionadas à temática referente à relação entre os esportes e a imprensa esportiva, destacando-se o artigo “Beauty, Effort and Talent. A Brief History of Women’s Soccer in Brazil through the Press Discourse” , que será publicado na edição *Football in Brazil*. In: Curi, Martin. *Soccer and Society*. London: Routledge, 2010. E-mail: ledamonte@hotmail.com

Introdução

Em 1968, o sociólogo Gilberto Freyre dizia: “Se sou de difícil classificação como sociólogo – na mesma situação está o livro a que mais associado está o meu nome de escritor” (2002, p.701). Trata-se do início do seu texto “Como e porque escrevi *Casa-grande & senzala*”, no qual o autor comenta a condição híbrida de sua principal obra que seria “tão de literatura quanto de antropologia ou de sociologia” (2002, p. 701).

Mário Filho poderia ter feito texto parecido, abordando seu mais importante livro, *O negro no futebol brasileiro*, afinal, assim como *Casa-Grande & senzala*, costuma ser concebido como uma obra que transita entre arte e ciência. Um trânsito com certas especificidades, pois se Gilberto Freyre possuía formação acadêmica na área, tendo como mestres nomes importantes da época, o mesmo não se pode dizer em relação a Mario Filho. Mário era jornalista, agitador cultural, empresário do ramo da comunicação e não possuía formação científico-acadêmica. Entretanto, seu ambicioso empreendimento tinha uma inclinação historiográfica, compreendida como uma tentativa de resgate de fatos passados, através de uma pesquisa em documentos oficiais, recortes de jornais e relatos orais coletados ao longo de alguns anos. E tinha uma inclinação literária notável, perceptível no farto recurso a técnicas narrativas de composição textual que fazem de *O negro* um livro de escrita sedutora e agradável.

O Negro é um livro híbrido, muitas vezes ambíguo, sem uma metodologia rígida, mas que comporta a tentativa mais bem-sucedida, em sua época, de reconstrução do passado futebolístico nacional e de interpretação do país por intermédio do futebol. Esse caráter híbrido de *O negro* está no centro de algumas recentes reavaliações críticas pelas quais essa obra tem passado, particularmente, a mais incisiva de todas, empreendida por Antonio Jorge Soares. Em sua tese de doutorado, *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*, o autor questionou o uso que se faz de *O negro no Futebol*, como única fonte de pesquisa para historiadores, sociólogos e outros estudiosos do futebol (2001, p.15).

Segundo Antonio Jorge, *O Negro no Futebol* deveria ser lido e tomado como um romance ou crônica, cujas informações oferecidas precisariam ser vistas com desconfiança, já que não se baseavam numa visão crítica e documentada do passado futebolístico, mas em uma tentativa de construir uma interpretação de fundo ideológico acerca da história do futebol brasileiro (2001, p.16). Ideologia ancorada nos princípios do Estado Novo e que visava a fornecer uma falsa visão harmoniosa e democrática da sociedade brasileira.

Ao mapear a estrutura narrativa de *O negro*, tendo como orientação a teoria de Vladimir Propp (1984), e encontrar nela proximidade com a estrutura do conto maravilhoso, Antonio Jorge define o livro de Mário Filho como uma obra que deveria ser tomada não como história em seu sentido estrito, mas como uma narrativa na qual seu autor:

utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro. Construiu uma espécie de crônica-romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, no qual os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais que auxiliam a construir a identidade nacional (SOARES, 2001, p.16).

Antonio Jorge, sem dúvida, esteve atento à composição textual de *O negro* no que diz respeito à utilização de certas técnicas discursivas que auxiliaram Mário Filho na construção de sua principal obra. Entretanto, a evidência dessas técnicas é compreendida como índice negativo, pois foi tomada como sinal de que as técnicas tinham sido utilizadas somente com o objetivo de construir uma falsa imagem da harmonia racial no Brasil; visando a auxiliar a construção de uma identidade nacional positiva, extremamente útil ao projeto nacionalista do Estado Novo.

Na análise de Antonio Jorge, a proximidade entre *O negro no futebol* e o gênero literário do romance, como notado por Maurício Murad, parece ter como objetivo desqualificar o livro de Mário Filho, lançando sobre o mesmo, uma desconfiança quanto à veracidade dos fatos nele narrados e às intenções de seu autor (1999, p.9).² Entretanto, longe de representar um defeito, a presença da técnica narrativa inerente à literatura certamente é um dos fatores que fizeram de *O*

² Antonio Jorge também argumenta que Mário Filho confere ênfase excessiva à questão do racismo no futebol. Segundo o pesquisador o que teria provocado a fundação da AMEA, entidade que tentou proibir a integração do time miscigenado do Vasco da Gama, é o embate entre profissionalismo X amadorismo e não o embate entre negros X brancos: “A fundação da AMEA é mais bem explicada pela hipótese da manutenção da ética do amadorismo num esporte que se popularizou rapidamente, e pela dinâmica das instituições esportivas e seus membros” (2001, p.104).

negro um livro de vitalidade. Nele, história e literatura se confundem, sobretudo porque Mário Filho, enquanto jornalista, sempre se mostrou um mestre da arte de contar histórias.

O narrador Mário Filho

Certamente, Nelson Rodrigues exagerou ao afirmar que antes de Mário Filho a imprensa esportiva “roia pedra nas cavernas” (1994, p.8). No que diz respeito ao futebol, por exemplo, alguns estudos recentes demonstram que já nas décadas de 1910 e 1920 esse esporte, aos poucos, passava a ocupar mais espaço em jornais importantes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, para melhor compreendermos o papel de Mário Filho é preciso não nos ater somente a questões que dizem respeito ao número de linhas dedicadas ao futebol nas páginas impressas, mas, sobretudo, ao tipo de linguagem usada para a representação desse esporte. É nesse aspecto que reside o diferencial da atuação de Mário Filho na história da imprensa esportiva, tornando-se o principal fator que converterá essa instância, ou seja, a narrativa desportiva, em uma das mais importantes mediadoras entre público e futebol.

Antes de Mário Filho, o futebol era alvo de atenção por parte de importantes jornais como, por exemplo, o *Estado de São Paulo* cuja cobertura dada a alguns jogos na década de 1910, segundo José Renato de Campos Araújo, ultrapassava:

uma cobertura passiva, não publicando apenas informações sobre os preparativos, mas comentando a escalação, realizando campanhas pela escalação de alguns jogadores que foram preteridos e, novamente, efetuando uma enquête com os leitores para saber qual o time que o povo desejava, além de publicar estatísticas sobre os confrontos entre Rio e São Paulo (2000, p.37).

Outro veículo importante foi a *Gazeta – Edição esportiva*, que tinha como principal proposta editorial oferecer ao leitor um inigualável volume de informações a respeito do cotidiano esportivo, especialmente o futebol. A *Gazeta* fazia a cobertura tanto dos principais clubes de São Paulo como dos diversos outros torneios de futebol, desde os de várzea até pequenos campeonatos criados por ligas operárias (Stycer, 2009, p.61). Nesse periódico, destacou-se o jornalista Tomáz Mazzoni, cujo prestígio o levou a viajar com a seleção brasileira para a Copa de 1938, na França,

não como um simples jornalista, mas como um membro oficial da delegação.³ Do mesmo modo que Mário Filho, Mazzoni tentou formar um público leitor cativo, usando como estratégia o apelo às emoções, a promoção de eventos, preocupando-se em tornar menos empolada a linguagem, passando a inventar apelidos para os times e nomes para os clássicos.⁴

Além desses exemplos, é preciso mencionar que algumas revistas de variedades e periódicos especializados em esportes, desde a década de 1910, já costumavam oferecer um tratamento ao futebol, diferente do que a maioria da imprensa esportiva oferecia. Muitas reportagens produzidas por essas publicações se caracterizavam pelo uso de um tom mais humorístico, investindo em charges e casos pitorescos envolvendo jogadores.

Como afirmou Marcelino Rodrigues Silva, nessas reportagens começava a ser alimentada uma interpretação do futebol “não como pedagogia, mas como diversão (...) em que cabiam as superstições populares, a irreverência, a iconoclastia e as manifestações mais francas das paixões clubísticas e regionais” (2006, 88). Tais recursos narrativos foram levados, com sucesso, por Mário Fil para *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, sendo que ele mesmo já os experimentara nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai Mário Rodrigues.⁵

Esses periódicos fizeram fama por conta de seu teor apelativo, explorando escândalos políticos e domésticos. *Crítica*, por exemplo, chegou a ser chamado de “foliculário catastrófico” por Gilberto Amado (*apud* Sodré, 1966, p.424) e teve grande circulação no final da década de 1920, em parte, por conta dos recursos usados para seduzir os leitores:

³ Tomás Mazzoni não cansou de levantar voz a favor de uma maior centralização na administração esportiva do país, que pudesse dar fim ao que ele costumava chamar de clubismo, ou seja, o privilégio de interesses locais e particulares. O jornalista foi um ardoroso defensor dos ideais propagados pelo Estado Novo, no que diz respeito à sua tentativa de implantar uma política de centralização do controle administrativo dos esportes no Brasil e que teve seu auge, em 1940, com a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos).

⁴ Mazzoni criou apelidos para os times como Mosqueteiro e Timão para o Corinthians, Clube da Fé (São Paulo) etc. Também criou títulos para os clássicos: Choque rei (Palmeiras e São Paulo) e Derby Paulista (Palmeiras e Corinthians).

⁵ Mário Rodrigues foi um conhecido jornalista no Rio de Janeiro, na década de 1920, sendo proprietário dos jornais *A Manhã* e *Crítica*, este último empastelado logo após a Revolução de 1930 que derrubou os aliados de Mário Rodrigues e levou ao poder, seus inimigos políticos.

“A profusão de títulos utilizando os mais variados efeitos gráficos (...) faz do jornal [*Crítica*] uma espécie de caleidoscópio de imagens. Ao lado da feição gráfica inovadora, oferecem ao público como unidade textual um cardápio envolvendo toda espécie de tragédia urbana” (Barbosa, 2007, p.66).

Nesses jornais, Mário Filho foi responsável pela página de esportes e mesmo no pouco espaço que ocupava, já dava mostras das estratégias que seriam empregadas futuramente em suas crônicas e reportagens. Estratégias que flertavam com o folhetim, que investiam na narrativização da notícia e em uma série de outros mecanismos linguísticos de captação do interesse do leitor.

Com auxílio do ilustrador Guevara, a seção esportiva de *A Manhã* passou a investir em fotografias tiradas em close e que captassem os jogadores ainda em ação nas partidas. Já a imprensa tradicional trilhava outros caminhos. Para compreendermos um pouco melhor a diferença de tratamento dada ao futebol, é interessante recorrer ao exemplo da Copa de 1930. As notícias sobre esse evento ocupavam apertado espaço e eram anunciadas de modo econômico: “Os brasileiros venceram os bolivianos por 4 x 0” (*O Globo*, 21/07/1930). Já nas páginas de *Crítica* a participação da seleção na Copa de 1930 recebeu tons mais superlativos, com toques pitorescos e um investimento em conteúdos mais subjetivos, como depoimentos e entrevistas. É o que se pode perceber na manchete: “Crítica publica hoje, uma *descrição detalhada e sensacional* da viagem dos brasileiros, *segundo o diário de bordo de um jogador*” (Grifos meus, 12/07/1930). O uso de uma perspectiva mais subjetiva, também era notável na matéria: “Prego *assistiu* um treino dos uruguaiois e *ficou convencido* de que os atuais campeões do mundo são equivalentes aos brasileiros (Grifos meus, 10/07/1930).

Em 1931, quando assumiu a página de esportes de *O Globo*, Mário Filho promoveu importantes mudanças no estilo editorial dessa seção, que abrangiam os métodos de investigação, diagramação, o nível da linguagem e os recursos de representação utilizados (Silva, 2006, p.118). Nas reportagens produzidas por suas equipes, destacavam-se o conteúdo claramente narrativizado e as matérias dramatizadas, capazes de converter jogadores em ídolos, elevando-os acima da média humana, mas também capazes de humanizá-los tornando pública a sua trajetória de vida, frequentemente representada como sofrida e cercada de obstáculos.

O caso Leônidas da Silva é exemplar nesse aspecto, pois grande parte da aura mítica e polêmica do craque foi tecida com o auxílio de Mário Filho e da sua equipe de *O Globo*, que “começou a seguir seus passos sem descanso, comentando suas atuações colhendo sua opinião sobre os mais diversos assuntos e colocando sistematicamente seu nome nas manchetes e nos títulos das matérias (...)” (id, 127).

O recurso à entrevista, aliás, é uma das marcas do estilo de Mário Filho⁶ que fez história no jornalismo esportivo ao ocupar meia página de jornal com a publicação de uma entrevista realizada com o goleiro Marcos Carneiro de Mendonça (Souza, 2008, p.175).⁷ As entrevistas viabilizavam a conformação de um conteúdo mais subjetivo e emotivo, possibilitando a identificação do público, assim como a fomentação de acalorados debates.⁸ Além disso, tal procedimento viabilizava a emergência de histórias de interesse humano, conformadas a partir dos dilemas pessoais dos jogadores publicados pelo jornal. A atenção dada à biografia dos jogadores, sobretudo enfatizando as origens sociais, emblematiza essa insistente e exitosa tática de conversão de jogadores em personagens.

A trajetória pessoal de jogadores era habilmente convertida em breves romances da vida real, em que ficção e realidade se misturavam na tentativa de sedução do leitor. A partir de depoimentos eram tecidas histórias de vida como se fossem pequenos romances-folhetim que se inseriam nas páginas esportivas. Esse tipo de apelo pode ser notado em reportagens como, por exemplo, a que fazia referência à despedida dos jogadores Jaguaré e Fausto da delegação do Vasco da Gama, assim narrada: “*Foi comovente a despedida. Quando Jaguaré e Fausto abraçaram os jogadores que partiam de regresso à pátria, todos, todos, na*

⁶ Uma dos diferenciais da cobertura da Copa de 1938, realizada pelo jornal *O Globo*, deve-se a Mário Filho que pessoalmente ligava para jogadores, técnicos e outros profissionais da seleção brasileira, com os quais travava longas conversas que posteriormente eram convertidas em matérias publicadas no jornal.

⁷ A matéria tinha como tema o retorno do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça aos campos de futebol. Essa entrevista é considerada como um marco no jornalismo esportivo, pois foi publicada em uma época na qual o futebol recebia pouca atenção da imprensa e em que não era nada comum que meia página de jornal fosse ocupada por uma entrevista com um jogador de futebol.

⁸ O quente debate travado entre profissionais e amadores, no início da década de 1930, foi alimentado e tornado público por intermédio das páginas esportivas de *O Globo*. Nelas Mário Filho publicou uma série de entrevistas com técnicos, jogadores, dirigentes cujos depoimentos fizeram multiplicar a polêmica em torno do tema.

embaixada *choraram* (...) Todos se *comoveram* (Grifod meus, apud, Silva, p.125).⁹ Desse modo, a notícia se assumia enquanto um sistema simbólico, oferecendo “mais do que o fato – oferecem tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas (Dardenne, p.274).

Torcedor, jogador e dirigente se convertiam em personagens cujos perfis sociais e psicológicos eram investigados, oferecendo material de curiosidade, especulação e identificação. O goleiro Jaguaré – um dos principais personagens de Mário Filho¹⁰ – é um ótimo exemplo desse tipo de procedimento. Em *Romance do futebol*, o declínio do jogador é contado com detalhes fortes e comoventes: “Bêbado, maltrapilho, Jaguaré discutira com uns soldados, levava uma surra e ficara atirado na lama. Quando amanheceu estava morto, as moscas em cima dele” (Filho, 1949, p.181).

A capacidade de nos impressionar parece ser indissociável da trajetória de Mário Filho, seja enfocando os aspectos mais tristes ou nos levando para um universo em que craques faziam o impossível com a bola. Foi o caso de Domingos da Guia retratado em crônica do seguinte modo: “Uma vez ele deu *uns vinte dribles seguidos* em Heleno de Freitas. Heleno de Freitas foi para cima dele. Domingos tomou-lhe a bola e com o pé parecia que amolava uma navalha”(Grifos meus, 1994, p.8).

Não sem motivos, José Lins do Rego ressaltou-lhe as qualidades de um grande “romancista que sabe arrancar da realidade as suas seivas vitais” (apud Hollanda, 2004, p. 64). Denominar Mário romancista não significa que José Lins o estivesse interpretando como um inventor de casos, mas sim como alguém que dava uma roupagem mais interessante a certos acontecimentos: “Os homens de Mário Filho (...) são criaturas que nos interessam, e *nos comovem*” (apud Hollanda, 2004, p.64).

E, ao que parece, a sua experiência na redação de jornais que seguiam um estilo mais agressivo é fator significativo em sua trajetória, algo já mencionado por Marcelino Rodrigues da Silva, que, em seu livro *Mil e uma noites*, afirmou que Mário

⁹ Os jogadores Jaguaré e Fausto, ao invés de voltarem para o Brasil, juntamente com a delegação do Vasco da Gama que viajara para a Espanha para a realização de alguns amistosos, resolveram permanecer na Europa para seguirem carreira no clube Barcelona.

¹⁰ O goleiro do Vasco da Gama, Jaguaré, é figura constante nas crônicas de Mário Filho que costumava representá-lo como um jogador irreverente, de grande fama, mas que terminou a vida na miséria.

Filho conseguiu sistematizar, no jornalismo esportivo, o emprego de muitas técnicas utilizadas, principalmente, em veículos sensacionalistas (Silva, 2006, p.118). Pois, o alvo principal de Mário Filho, desde sempre, foi o leitor e consumidor de seus jornais, daí a necessidade de entretê-lo, de seduzi-lo, fazendo suas emoções fervilharem, convocando sua paixão clubística e multiplicando suas expectativas em torno de um jogo.¹¹ E para que isso fosse possível, era necessário mostrar não as criaturas comuns, mas sim aquelas que causam interesse e comoção, às quais José Lins faz referência. Desse modo incomum nos foram apresentados jogadores como Leônidas da Silva, Pelé e tantos outros.

Na tentativa de resgate da história do futebol brasileiro, Mário Filho continuou a fazer uso de muito do arsenal narrativo usado tanto nos jornais populares *A Manhã* e *Crítica* como ao longo de sua exitosa carreira de jornalista.

As histórias de *O negro no futebol brasileiro*

Mário Filho era um homem público, ao que parece, extremamente bem relacionado e que sabia, como poucos, transitar em ambientes diversos, sendo recebido com respeito e reverência onde quer que fosse. Uma figura que cultivava uma imagem marcada por certo “ecumenismo” como afirmou José Sérgio Leite Lopes (1994, p.71) e que costumeiramente podia ser vista seja no Café Nice ou no Café Rio Branco, cercada desde os mais importantes nomes do futebol carioca, até simples torcedores, travando com eles longas conversas. Essas conversas derivaram em entrevistas e matérias publicadas por *O Globo*, e constituíam um material novo e diferente do que era divulgado na imprensa esportiva da época. E também serviram de fonte para a famosa coluna “Da primeira fila”, que circulou nesse jornal a partir de 1942 e que durante cerca de sete anos foi o veículo através do qual Mário Filho tentou narrar e interpretar parte da história do futebol brasileiro. Nessa coluna, como apontou a socióloga Fátima Rodrigues Antunes (2004, p.129),

¹¹ É exemplar toda promoção feita por Mário Filho em torno do jogo Flamengo X Fluminense na década de 1930. A sigla Fla-Flu, usada em 1925 para denominar uma seleção carioca formada apenas com jogadores dos dois clubes, foi revestida de uma aura mítica e o jornal *O Globo* passou a conceder enorme destaque ao jogo. Tudo isso com o objetivo de propagandear os primeiros campeonatos profissionais no Rio de Janeiro.

Mário Filho de jornalista transformava-se em historiador. Dela, surgiram quatro livros, entre eles *O negro no futebol*.

É possível conceber Mário Filho como um historiador, no sentido de alguém que visava a resgatar o passado e seus principais acontecimentos, dentro de um determinado marco cronológico, fazendo uso de fontes diversas. Um historiador com certas especificidades, como por exemplo, uma escrita em que a proximidade entre narrativa histórica e literária se evidenciava. Afinal, Mário Filho foi o mais talentoso cronista de sua época e o mais talentoso contador de histórias do futebol. E quando tentou contar a história do negro no futebol brasileiro – e por extensão a desse esporte, em nosso país –, valeu-se dessa mesma habilidade com as palavras. Preocupou-se, sobretudo em *como* contar essa história, o que é explicitado principalmente na “Nota ao leitor” da primeira edição quando o jornalista afirma que: “O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo numa narrativa coerente, sem um claro, uma interrupção” (1964, XVII).

A hipótese da crescente democracia racial, de fato, serve-lhe como uma espécie de enredo, capaz de articular a variedade de material conseguida. Entretanto, esse enredo articula uma narrativa menos linear do que se costuma supor, trazendo à cena um universo futebolístico, que, ao contrário do que propôs o historiador Leonardo Pereira, não pode ser compreendido como “um campo de construção de harmonias e consensos” (2006, p.18).¹², mas como um espaço de lutas, contraposições, em que há violência e injustiça, e em que a harmonia e o equilíbrio são conseguidos de modo precário.¹³

Como contar uma história, como engendrará-la, revela-se uma questão ainda mais importante, pois o material que compõe o *Negro* é formado por relatos dispersos coletados ao longo de anos e que precisavam ser articulados em torno de uma narrativa que lhes desse coesão. Uma preocupação que não é específica do

¹² Embora reconheça a importância de *O Negro*, o historiador Leonardo Pereira, em seu *Footballmania*, reitera a hipótese de que Mário Filho, por intermédio do futebol, seria um dos principais artífices da construção de “uma imagem harmônica e coesa do país” (2000, p.16).

¹³ *O negro no futebol* menciona uma série de eventos que deixam transparecer toda dificuldade enfrentada pelo negro, mesmo após o estabelecimento do profissionalismo no futebol. São emblemáticos os episódios de Barbosa em sua estréia na seleção brasileira, que de tão temeroso em errar, borrou os calções, tendo que ser substituído (1964, p. 312). Há, também, o caso do jogador do Fluminense, Robson que ao ver um amigo seu ofender um negro pediu-lhe que não tivesse tal atitude justificando com a enigmática frase “eu já fui preto e sei o que é isso” (Id, 359).

romancista, mas da qual compartilha também o historiador, que como já apontou Hayden White, freqüentemente se “vê forçado a pôr em enredo todo o conjunto de estórias que compõe sua narrativa” (1995, p. 23). Entretanto, Mário preocupava-se em não ser confundido com um romancista, o que deixou claro naquela mesma “Nota ao leitor”, na qual buscou situar o *Negro* não como um simples romance, mas como um trabalho de intensa investigação e pesquisa; daí a defesa prévia da suspeita de que tivesse se “valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação” (FILHO, 1995, p. 23).

É interessante perceber que Mário Filho renega sua experiência de escritor de ficção, pois, embora afirme o contrário, o autor já havia sim publicado romances, no final da década de 1920¹⁴. Não seria inverossímil conceber que esse tipo de atitude demonstre certo temor do jornalista quanto à possibilidade de que os leitores – inclusive os especializados – tomassem grande parte do que foi narrado como uma simples obra de ficção. Essa preocupação somente é explicitada em *O negro*, o que demonstra tratar-se de sua mais ambiciosa obra; obra esta que o jornalista provavelmente desejava ser recebida como um projeto de resgate sério e confiável de parte da história do futebol brasileiro, pois como ele afirmou “Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações sucessivas” (FILHO, 1995, p. 23).

Mário Filho recorre à figura de autoridade do historiador, colocando-se acima dela no que diz respeito à veracidade de seu relato e ao cuidado com as fontes. Ao adotar tal postura Mário encena sua própria autoridade, demonstrando que, ao contrário de um romancista, conseguira adotar distanciamento em relação ao seu objeto de estudo. É possível compreendermos essa postura como uma espécie de “estratégia de autoridade” a qual James Clifford (1998, p. 35) faz referência em sua reflexão sobre o trabalho do etnógrafo. Uma questão pertinente até hoje quando parte da recepção crítica de Mário Filho contesta exatamente sua “autoridade” que, em relação ao cientista, como notou Clifford se constrói também em nível discursivo, através do uso de certas convenções textuais (id, 21). E, de fato, além de não ter formação acadêmica, a legitimidade de Mário Filho enquanto historiador não se concretizava em termos discursivos.

¹⁴ No final da década de 1920, Mário publicou os romances *Bonecas* e *Senhorita 1950*, compostos de contos publicados no periódico de seu pai, Mário Rodrigues, *A manhã*.

Em alguns momentos, não conseguia esconder a incerteza acerca de algum acontecimento narrado, assim como lançava conclusões que pareciam ser baseadas apenas em opiniões subjetivas que, por sua vez, variavam com o passar dos anos, como será visto adiante com mais detalhe. Mário deixou em segundo plano preocupações no que diz respeito a questões de fundo teórico-argumentativo, aos métodos investigativos empregados e à objetividade do relato.

Walter Benjamin afirmou em seu clássico ensaio “O narrador” que “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1996, p. 203), e essa metade Mário Filho parecia dominar. O jornalista constantemente se contentava em narrar os acontecimentos e quando busca explicações, frequentemente, se atinha ao nível simbólico.¹⁵

Gilson Gil chamou a atenção para o privilégio dado por Mário Filho para aquilo que o sociólogo denominou de “historietas”, ou seja, o “recurso a histórias de vida, casos pitorescos e lembranças (...) Elas ilustram o caráter oral de grande parte de sua metodologia” (1997, p. 9). E em *O negro no futebol* essas “historietas”, também, se fazem presentes. Frases de efeito, destaque ao caráter cênico das descrições, ênfase em aspectos dramáticos de certos acontecimentos, a inserção de detalhes, muitas vezes pitorescos, na descrição de determinados jogadores, dirigentes etc., são técnicas narrativas comumente usadas por Mário Filho. O caráter cênico é marca importante de sua narrativa, pois são inúmeros os exemplos de cenas reconstruídas visando dar ao leitor um painel quase vivo do acontecido¹⁶. Seria interessante, seguir as pistas de Bernardo Buarque de Holanda (2004, p. 64), e investigar com mais apuro a relação de Mário Filho com as técnicas de representação cinematográficas que marcava a produção literária brasileira, desde a década de 1930. Técnicas perceptíveis em sua atividade de jornalista e cronista, o que não pode ser perdido de vista em um estudo crítico de *O negro*.

¹⁵ Esse aspecto é bastante evidente em seu livro *Histórias do Flamengo* em que Mário tenta traçar o percurso que conduz o Flamengo ao posto de “mais querido do Brasil”. Os motivos de tal título são quase sempre cercados de metáforas e creditados a explicações que enfatizavam aspectos como a mística da camisa rubro-negra: “Bastava-lhe a camisa. Onze paus de vassouras com camisas do Flamengo seriam irresistíveis” (1966, p. 21).

¹⁶ Um bom exemplo seria a cena em que Ipojucan, se recusando a entrar no Maracanã por conta do trauma de 1950: “Atirou-se no chão, agarrou-se a um pé do banco comprido. Flávio Costa abaixou-se para levantá-lo a bofetão. Ipojucan ficou de joelhos gemendo (1964. p. 341).

A narrativização dos fatos sempre marcou sua trajetória no jornalismo esportivo e essa técnica foi extremamente importante no papel desempenhado por Mário na reformulação e posterior consolidação dessa modalidade. Reformulação que abrangia os métodos de investigação, diagramação, o nível da linguagem e os recursos de representação utilizados (Silva, 2006, p. 118). O recurso à humanização de personagens, ao melodrama, dramatização dos fatos, assim como a oralidade textual são marcas de Mário Filho já em sua atividade jornalística e que são estendidas à composição de seus livros.

José Lins do Rego, no prefácio a *Copa Rio Branco 32*, faz o seguinte comentário: “A Copa Rio Branco de 1932 teve a sorte de encontrar um historiador que é um romancista. E é nessa aliança *do fato com a imaginação* que está a grande história que sobrevive”(Grifos meus, Filho, 1943, p. 8). E mais: “Os homens de Mário filho (...) são criaturas que nos interessam, e nos comovem” (*JS*, 7/01/1950). Sem dúvida, essa técnica se faz presente em *O negro*, pois ela parece ser indissociável da trajetória de seu autor que, como jornalista, já havia dito que não se “limitava a publicar a notícia”, mas preocupava-se em “criar a notícia, a ser ele mesmo a notícia” (*Jornal do Brasil*, 17/09/1966).

Mário costumava privilegiar a intervenção de recursos narrativos na construção da notícia, e mesmo quando realizou um empreendimento de cunho mais historiográfico, o diálogo com a literatura parecia manter-se, pois as técnicas literárias foram um instrumento importante para a composição de *O negro*. O investimento narrativo é uma das marcas de *O negro no futebol* e faz com que esse livro transite as fronteiras entre história e literatura.

Entretanto, é importante afirmar que o que se destaca em *O negro* não é apenas o virtuosismo narrativo de seu autor. Destaca-se também o recurso à história oral, inovador para época. Mário Filho optou por uma metodologia que privilegiava a oralidade em detrimento do uso de documentos oficiais, antecipando de certo modo novos métodos historiográficos que seriam posteriormente adotados, por exemplo, pela Escola dos Annales na tentativa de valorizar fontes diversas que não apenas as privilegiadas pela historiografia tradicional (Burke, 1992, p. 26).

O cientista político Luis Fernandes, que prefacia a quarta edição de *O negro* afirmou que Mário Filho foi precursor no uso da história oral “como fonte da história escrita, prática que só viria a se disseminar mais amplamente nas Ciências Sociais

brasileiras décadas depois” (1994, p.10). Entretanto, é importante ressaltar que Mário Filho não possuía domínio das técnicas necessárias à história oral, que possui suas especificidades e diferenças em relação à história que recorre às fontes escritas (Prins, 1992, p. 194). O próprio Gilberto Freyre demonstra perceber no prefácio à primeira edição a falta de familiaridade metodológica de Mário Filho, quando sugere que o jornalista se encaminhasse “cada vez mais, através dos estudos mais demorados e mais profundos no assunto” (1964, XI). Incorporar a oralidade em seu livro mais parecia uma opção relacionada à sua prática jornalística e a um contexto mais amplo referente a algumas abordagens sobre a temática do futebol. É importante lembrar que a História, enquanto disciplina – e as Ciências Sociais de um modo geral –, demorou a fazer do futebol matéria de investigação, fato que não passou despercebido por Nelson Werneck Sodré em uma resenha de *O negro no futebol*.

Werneck Sodré, em artigo intitulado “Sociologia do futebol”, exalta a coragem de Mário Filho em tratar de um assunto tão desprestigiado no âmbito acadêmico, mas de extrema importância na sociedade brasileira:

“Se os circunspectos senhores da ciência não atentaram, entretanto, nessa importância singular (...) que vai marcando uma característica do nosso povo, é possível que alguns tenham notado, com o dom da observação que deve existir em todo pesquisador social” (*Jornal dos Sports* 08/07/1948).

Com exceção de um sociólogo do porte de Gilberto Freyre, que escreveu o prefácio de *O negro no futebol*, e que nove anos antes, em 1938, publicara o artigo “Football mulato”,¹⁷ não havia estudos sistematizados sobre esse esporte no Brasil, que fosse produzido por acadêmicos.

Durante muito tempo, o futebol, no Brasil, foi objeto de estudo e investigação de jornalistas como Mário Filho, Thomaz Mazonni, Adriano Neiva, Geraldo Romualdo Silva e até mesmo de literatos como José Lins do Rego ou Paulo Coelho

¹⁷ Este texto foi publicado no *Diário de Pernambuco* em 1938, dias após a vitória da seleção brasileira sobre a Tchecoslováquia, na Copa da França. Nele Gilberto Freyre reconhecia a importância do futebol no Brasil, cuja plena adaptação em nossa terra foi interpretada pelo sociólogo como uma espécie de comprovação do caráter dionisíaco da cultura brasileira. Fazendo uso da classificação de Ruth Benedict, Freyre conclui que: “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Benedict – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeito mulato” (1957, p. 432).

Neto.¹⁸ Nesse período o futebol tinha no jornalismo seu principal ambiente de promoção e também de investigação “científica” e “historiográfica”; jornalismo cuja técnica de escrita, pelo menos até a metade da década de 1950, era “bastante próxima da literária” (Ribeiro, 2003). Sendo assim, o trânsito entre História, jornalismo e literatura parecia um tanto inevitável na produção desses autores acima citados, e muitas vezes o limite entre um e outro não ficava tão evidente e demarcado de modo rígido, sobretudo no caso de Mário Filho.

Foi nos jornais que *O negro no futebol* – assim como outros quatro livros seus sobre futebol – começaram a ganhar forma. Nas crônicas de Mário está grande parte do que ele narra em suas obras. Essas crônicas foram pouquíssimo analisadas e cotejadas com os livros aos quais elas deram forma, sobretudo o principal deles, *O negro no futebol*. A comparação seria importante para uma leitura mais cuidadosa dessa obra. Seria possível, por exemplo, perceber com mais clareza as técnicas de composição adotadas por Mário Filho. E se a primeira edição tem como base a coluna “Da primeira fila”, os capítulos inseridos na segunda edição têm origem menos pontual.

Uma rápida análise indica o diálogo constante com as crônicas publicadas na *Manchete Esportiva*, principalmente no que se refere às interpretações da derrota do Brasil para o Uruguai; episódio que, em parte, justificou a adição de capítulos na segunda edição de *O negro no futebol*. A incorporação desses capítulos, assim como algumas modificações do conteúdo da primeira edição, também tem sido alvo de objeções. Objeções justificáveis, pois de fato há algumas questões que suscitam certos questionamentos. Algumas referências à derrota do Brasil na Copa de 1950, por exemplo – episódio central do capítulo “A vez do preto” –, podem ser refutadas, além de não coincidirem com as interpretações empreendidas pelo próprio Mário Filho ao longo daquela década. A culpabilização dos negros Bigode, Juvenal e Barbosa, por exemplo, de acordo com o jornalista, comprovariam o “recrudescimento do racismo” (1964, p. 335) no futebol brasileiro operado pela derrota de 1950.

¹⁸ Paulo Coelho Neto, filho do escritor Coelho Neto, foi autor do livro *História do Fluminense* no qual propunha realizar uma pesquisa cuidadosa nos arquivos do clube das Laranjeiras. Já o jornalista Thomaz Mazoni foi autor de *A história do futebol brasileiro*, lançado em 1950. Outro jornalista Adriano Neiva, o De Vaney, que se preocupou, sobretudo com o futebol em São Paulo, em 1956, publicou em forma de folhetim, no jornal santista *A tribuna*, uma história das seis primeiras décadas de futebol em São Paulo, intitulado, *60 anos de futebol em São Paulo*, posteriormente editado em livro.

Entretanto, pesquisando os jornais da época, inclusive os escritos de Mário Filho, as culpabilizações podem ser notadas, mas não são tributadas ao fato de tais jogadores serem negros (Guedes, 1977).

Outra questão importante e que chama a atenção, refere-se ao emblemático tapa que o capitão uruguaio, Obdulio Varela, teria dado no lateral Bigode e que ficara, segundo Mário, “ardendo no rosto da gente” (*Manchete Esportiva*, 14/01/1956). Esse momento não foi explicitamente mencionado em suas crônicas publicadas nos dias imediatamente seguintes à derrota¹⁹, e também não foi mencionado na imprensa do eixo Rio-São Paulo, e nem mesmo na imprensa uruguaia.²⁰ Mário – e talvez somente ele – passou a fazer referências explícitas ao tapa, alguns anos após o Maracanazo, principalmente em suas crônicas publicadas entre 1955 e 1958, na revista *Manchete Esportiva*.

A mudança de perspectiva de Mário Filho certamente pode provocar certa desconfiança quanto à veracidade dos relatos do jornalista e seu caráter subjetivo. Entretanto, impressiona perceber que o próprio Mário Filho não escondia a incerteza sobre aquilo que narra. Em *O Negro*, quando faz referência ao tapa de Obdulio, por exemplo, o jornalista comenta: “Depois, logo em seguida, Obdulio Varela agarrou Bigode pelo pescoço. Não lhe meteu a mão na cara. Mas que o balançou em safanões, balançou (1964, p. 332).

Em uma breve análise de algumas crônicas, é possível perceber que, embora o jornalista relate o tapa sempre com tintas dramáticas, dando um tratamento cênico à descrição, Mário Filho quase sempre oscila entre a convicção e a incerteza. Em

¹⁹ Nos dias seguintes à derrota Mário Filho faz uma rápida menção a uma possível agressão sofrida por Bigode na crônica “A hora da compreensão de uma derrota” (*Jornal dos Sports*, 23/07/1950) na qual lamenta o excesso de tolerância do árbitro com as faltas cometidas pelo time uruguaio. Mas não há menção ao tapa.

²⁰ Segundo Álvaro do Cabo, que pesquisou a recepção da vitória Celeste na imprensa uruguaia, “não foi possível encontrar qualquer registro que fizesse alusão a qualquer tapa do capitão em Bigode” (2007, p.13). O que impressiona, afinal um acontecimento dessa magnitude, certamente, mereceria toda atenção da imprensa esportiva da época, tanto a do Brasil quanto a do Uruguai. De acordo com pesquisa realizada por mim, sobre a derrota brasileira para o Uruguai em 1950, a imprensa falou muito das “falhas” de Bigode que consistiriam em não acompanhar os rápidos contra-ataques liderados por Ghiggia pela lateral do campo, nos dois lances que resultaram em gol uruguaio. O jornal *Correio da Manhã*, um dos mais importantes do país, na época, fez a seguinte análise da atuação de Bigode: “Horível. Irreconhecível. Moroso. Nem defendeu, nem atacou. Incapaz de conter a ala Ghiggia-Julio Perez. De duas falhas suas nasceram os dois gols dos orientais. Foi o pior elemento em campo” (18/07/1950). Trata-se de uma descrição dura, que não economiza no uso de adjetivos negativos, mas que em nenhum momento faz menção ao tapa de Obdulio.

crônica datada de 1956, ele afirmou “(...) justamente bigode, a quem chamavam de fera para cima. Obdulio Varela foi para cima dele, *deu-lhe um bofetão*” (1994, p. 57). Já em 1957, Mário relativizou o acontecido, dizendo: “Foi Bigode que levou o bofetão de Obdulio Varela. *Talvez nem tenha levado o bofetão* que ele hoje nega ter recebido. *É possível* que tenha sido um pescoção, uma sacudidela. *A impressão* que se teve foi de bofetão [ainda não havia videotape para tirar a dúvida]” (apud, Antunes, 2004, p. 169).

O caráter impreciso marca essas descrições, que se pode perceber pelo uso de palavras como “talvez”, “é possível” “a impressão que se teve” e finalmente com a possibilidade de o tapa sequer ter existido, explicitada justamente em *O negro no futebol*. Tal explicitação torna um pouco exagerada a hipótese de que Mário tenha erguido uma obra com intenções pedagógicas, repleta de estratégias que visavam unicamente passar uma mensagem de fundo nacionalista como propõe Antonio Jorge (2001, p. 15). Se são questionáveis a história do tapa e as culpabilizações dos jogadores negros, pelos motivos já mencionados, seria necessário uma investigação mais cuidadosa, para sabermos em que contexto tais versões novas surgiram.

Se o livro de Mário Filho é frequentemente comparado com *Casa-grande e Senzala*, sobretudo, no que diz respeito a seu hibridismo, é válido mencionar que o mesmo não se pode dizer no que diz respeito à fortuna crítica. Enquanto a obra de Gilberto Freyre recebeu farto tratamento crítico, *O negro no futebol brasileiro* ainda carece de uma abordagem investigativa mais profunda e que, sobretudo, não tome sua familiaridade com a literatura como um aspecto desmerecedor da obra de Mário Filho, mas como uma característica fundamental para sua compreensão e análise fecunda.

Conclusão

O negro – assim como em outros livros seus sobre futebol – é indissociável da arte de narrar. Em relação a esse aspecto é importante investigar em que medida a arte de narrar de Mário Filho se relaciona ao seu interesse em criar e manter um público consumidor massivo. Interesse já apontado por Sérgio Lopes (1994, 77) e que pode ser notado em sua trajetória de jornalista, sempre buscando novas formas

de captar a atenção de seus torcedores-leitores, por isso orgulhava-se das vendas obtidas por seus jornais, tanto que *JS* costumava vir acompanhado dos dizeres: “O matutino esportivo de maior circulação na América do Sul”.²¹ E para vender, Mário Filho precisava estar atento às demandas de seu público, o que não deixou de ser notado por Denaldo Archone de Souza que em seu recente livro *O Brasil entra em campo* afirmou que “Para aumentar a vendagem de seus jornais, Mário Filho tinha que ouvir seu público (...) Se as reportagens eram escritas com diferentes intenções e estratégias, era inegável também a participação dos receptores/consumidores na construção da notícia” (2008, p.181).

É possível pensarmos o mesmo em relação ao *Negro no futebol*, até mesmo porque esse livro compartilha de muitas técnicas e estratégias discursivas presentes nas crônicas de Mário Filho publicadas em jornais. Ao que parece, o jornalista desejava não apenas resgatar parte de um passado que estava em risco de apagar-se da memória, mas objetivava ser lido. E qual seria o tipo de leitor para o qual *O Negro no futebol* se destina? Provavelmente leitores de perfil próximo ao daqueles que consumiam seus periódicos. Leitores-torcedores em busca de seus ídolos, dos detalhes pitorescos, da emoção, enfim da narrativização do mundo futebolístico. Por conta disso, é provável que Mário Filho se preocupasse em incorporar uma parte do horizonte de expectativas desse público.

Nesse sentido, pensar o *Negro* apenas como reflexo de uma ideologia dominante, relacionada ao Estado Novo (Soares, p.16), não permite que se perceba nesse livro, ecos de expectativas e de um imaginário futebolístico, coletivamente compartilhados. *O Negro no futebol* precisa ser pensado em termos de circularidade como proposta por Carlo Ginzburg (1987), o que significa dizer que essa obra não pode ser entendida somente como um projeto vinculado a uma elite dominante que visava construir um ideal de identidade que atendesse unicamente a seus próprios interesses. Ao contrário, *O negro*, embora invista em uma construção identitária nacional, o faz a partir da relação “dialética entre elite (discurso erudito) e povo (discurso popular)”. É preciso investigar a possibilidade de que tal relação tenha sido mediada por questões mercadológicas, relacionadas ao interesse de Mário Filho em

²¹ A questão quantitativa era sempre destacada também em relação aos seus livros, como pode ser percebido no caso do seu *Viagem em torno de Pelé* descrito como um dos “maiores best-sellers das livrarias dos últimos tempos” (*JS*, 06/09/1963). Ou em relação ao seu *Copa do Mundo de 1962* que o mesmo *JS* se refere a “uma aglomeração de gente para comprar o livro (08/08/1962).

manter e aumentar o público leitor e consumidor não apenas de seus livros e jornais, mas do próprio futebol. Nesse sentido, haveria por trás do “historiador” Mário Filho, um virtuoso narrador, um excepcional jornalista e um homem atento às demandas de seu público de leitores-consumidores.

Além disso, o período de composição e publicação desse livro comporta intensas mudanças sociais e culturais, assim como um processo de crescente popularização do futebol, que traz à cena novos personagens e novas formas de fruir e interpretar esse esporte. A questão do negro, e de todos os obstáculos enfrentados por ele para ser inserido no ambiente futebolístico, não era central apenas no livro de Mário Filho, mas se mostrava também de grande importância para o futebol na época, fazendo-se notar nos estatutos dos clubes, nos jornais da época, em depoimentos de jogadores e numa série de outras fontes (Silva; Votre, 2006, p. 51).

O Negro incorpora uma série de temáticas presentes também na produção de outros autores da época, tão diferentes entre si, como por exemplo, Thomaz Mazzoni, Gilberto Freyre e Mário de Andrade. E, como já foi dito acima, não é apenas na habilidade narrativa de seu autor que reside o fator de vitalidade de *O negro*. Há nessa obra, um intenso trabalho de pesquisa em documentos e fontes orais, assim como um notável esforço de interpretar a história do futebol e de interpretar o próprio país por intermédio desse esporte. As marcas desse empreendimento não são apagadas por conta do recurso à narrativa, mas são coexistentes. É nesse sentido que se pode compreender *O negro* como uma obra híbrida, ou seja, aquela “que partindo de uma primeira inscrição, admite por seu tratamento específico de linguagem, uma inscrição literária (Costa Lima, 2006, p.352). Seguindo as pistas de Peter Gay (1990) seria interessante estar atento ao estilo adotado por Mário Filho para contar a história do negro no futebol. A análise dos estilos literários como proposto por Gay é importante, pois

Em parte idiossincráticos e em parte convencionais, em parte escolhidos e em parte impostos por pressões inconscientes, profissionais ou políticas, os recursos do estilo literário são igualmente instrutivos, nem sempre pelas repostas conclusivas que dão, mas pelas questões fecundas que levantam acerca das intenções centrais e interpretações gerais do historiador, o estado em que se encontra sua arte, as crenças essenciais de sua cultura – e quiçá os vislumbres que capta em seu objeto (1990, p 21).

O estilo literário do “historiador” Mário Filho se insere em um contexto de práticas e representações com as quais dialoga e que precisa ser melhor analisado visando uma crítica de *O negro no futebol*, mais embasada e argumentada e que incorpore um amplo contexto de produção e recepção dessa obra.

Em *O Negro no futebol*, a literatura caminha junto com a história. Literatura entendida não como sinônimo de ficção, mas enquanto técnica narrativa usada para se relatar um fato. No caso de Mário Filho, tanto em seu ofício de jornalista quanto na sua experiência de historiador, a narrativa se ancora em frases de efeito, no destaque ao caráter cênico das descrições, na ênfase em aspectos dramáticos de certos acontecimentos, na inserção de detalhes, muitas vezes pitorescos, na descrição de determinados jogadores, dirigentes etc.²²

É importante frisar que grande parte dessas técnicas era fartamente usada em jornais de vertente sensacionalista, como aqueles de propriedade de seu pai, Mario Rodrigues, nos quais Mário Filho deu início a sua carreira. Das páginas sensacionalistas, esse tipo de narrativa, afeita aos excessos do melodrama chegará às páginas de jornais como *O Globo* e *Jornal dos Sports* e também se fará presente até mesmo no livro *O Negro no futebol*, a ambiciosa tentativa de resgate da história do futebol.

E foi pela linguagem que Mário Filho se transformou em algo mais do que um nome na porta do Maracanã. Mário Filho se transformou em um escritor cujas histórias verídicas ou não, ainda ecoam no imaginário nacional e como Marcelino Silva propõe, toda vez que torcemos por nossos times, vibramos por algum jogador ou perdemos o sono por uma Copa do Mundo ecoa nesses atos a herança dos “mitos ‘inventados’ por Mário Filho ao longo de seus 40 anos de carreira” (2006, p. 211).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo, 1992.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DARDENNE, Robert W.; BIRD, Elizabeth. Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.
- FILHO, Mário. *Romance do Foot-Ball*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.
- *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Record, 1966, 3a edição.
- *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Ruy Castro (org. e sel.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. Edição crítica. Guillermo Giucci; Enrique Rodriguez Larreta (org). Coleção Archivos, ALLCA, 2002.
- GAY, Peter. *O estilo da história*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado (IUPERJ), 1997.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- *Os fios e os rastros*. SP: Companhia das Letras, 2007
- HOLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol*. Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. (Pontos de Vista) *Cultura Política* - nº 24 - 1999/2.
- LOPES, José Sérgio Leite. (1994), "A vitória do futebol que incorporou a pelada". *Revista USP. Dossiê Futebol*, 22, São Paulo.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, José Mario Ortiz; BORELLI, Silvia Helena Simões. Melodramas e inovações: 1963-1970.

RODRIGUES, Nelson. O home fluvial. FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Ruy Castro (org. e sel.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. *Jornalismo e conhecimento*, Ano 2, n. 2, 2º semestre de 2005. Disponível em

<http://posjor.ufsc.br/public/docs/182.pdf>

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção das tradições na construção da identidade nacional através do futebol. In: SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo; Helal, Ronaldo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

SOUZA, Denaldo Airchone de. *O Brasil entra em campo!* Rio de Janeiro, Annablume, 2008.

PRINS, Gwin. História oral. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo, 1992.

WHITE, Hyden. *Metahistória*. A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: EdUSP, 1995.